

Demo
As joias
da tia
Giralda

2080

Antoine Canary-Wharf

Registo n° 349/2020 **SIIGAC/2020/843** DATA: **2020.02.14**

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ªOrdem de Impressão da 1ªEdição 2080 de Antoine Canary-Wharf tem 960 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

Siga o autor @antoinecanarywharf

— (...) o meu pai, no meu instituto testamentário, na minha vontade testamentária, era uma *persona non grata*. Ele atrasou toda a minha escrita. Ele tentou asfixiar a minha escrita. E ele sabia que eu produzia tinta. E pôs-me sempre outras tintas à frente. Mas ele não sabia que pôs-me outras tintas à frente, isso inibia a minha tinta? Para ganhar 10 euros para poder apanhar um comboio de ida e volta para ir ter com o Jakob à Costa de Caparica, o meu pai obrigava-me a ler um calhamaço. Foram calhamaços que nunca li. Abria duas ou três páginas no meio e lia na diagonal, (...) e tirava assim o raio-X e lá fazia à toa a apresentação do livro que o meu pai me mandava ler para poder ganhar os 10 euros. Foram anos disto! E como se ainda não bastasse, foi ainda depois o complô que ele armou com a tia Giralda. Eu sei lá se o meu pai esteve ou não metido nessa armadilha que a minha própria família me pregou a mim e ao Jakob, só porque a religião deles era contra o nosso amor. O que eu sei é que o meu pai mandou-me escolher entre ele e o Jakob e disse que caso eu escolhesse o Jakob eu haveria de “sofrer” com as consequências. Foi isto que aconteceu. Encostou-me à parede. Eu bebi muito no casamento do filho da tia Giralda. Devo ter feito e dito uns disparates. Estava podre de bêbedo. Dancei, ri-me, caí, fiz rir, caí outra vez, fiz rir outra vez, até que caí de vez e mais ninguém se riu e os meus tios aproveitaram o momento para ir a correr dizer à minha avó para que vissem as figuras tristes do seu “querido neto”, que era eu... A minha família sempre teve muita inveja do meu espírito. Há um espírito maligno neles. E como eles não viam esse espírito maligno em mim, invejavam o meu espírito. Gozavam-me, porque eu só via o amor. Diziam que como eu via e acreditava no amor, eu era um grande ingénuo, não sabia nada da vida e vivia numa autêntica fantasia... Lembro-me que ia pequenino para casa da tia Giralda. Eu gostava dela. Mas não me lembro de ela me ligar muito. Lembro-me de ela olhar para mim sempre com um altivo tom. Eu era pequenino e sentia isto. O que era estranho. Mas eu continuava a gostar dela. E gostava muito da casa

dela. Lembro-me de uma figueira que ela tinha, que eu passava horas sozinho em casa dela ao pé da figueira. Depois deste casamento do filho dela, nunca mais tive contacto com ela. Supostamente, “eu estraguei” o casamento do filho dela. Não estraguei... A festa deve ter continuado, suponho... Esse meu primo teve dois filhos. Um deles caiu na piscina sem água, enquanto estava a ser construída e foi um milagre ter sobrevivido, mas ficou com sequelas e mazelas para sempre. Por causa do incidente, o meu primo com os nervos todos à flor da pele e sensível e muito humano como ele sempre foi, não aguentou aquela novela dos médicos dizerem que o filho dele iria morrer e apareceu-lhe um cancro. A Giralda viu-se metida numa autêntica magia negra. Numa autêntica macumba. Sabia que ela era toda das macumbas e de frequentar casas de espíritas. Não era só o filho e o neto dela. Também o marido dela tinha tido um AVC. E ela tinha ganho um problema na coluna. Para ela, aos olhos dela, ela não tinha mais nada a perder. Já tinha perdido tudo. O seu tom altivo deu lugar a um “mansinho” tom. Sabia que ela já tinha sido a cabecinha de um processo que deu em tribunal na minha família. Conseguiu que o meu pai ficasse contra um tio meu. Um tio que sempre ameí! Um tio que sempre me elogiou, como o meu pai nunca me elogiou! Um tio que dizia que eu era um génio, quando o meu pai dizia que eu era uma merda! Um tio que dizia que eu tinha uma vida de sucesso, quando eu tinha um pai que dizia que eu estava destinado a perder na vida, que era um perdedor, que era um fraco e que tinha nascido para ser eliminado. Um tio que reconhecia o meu mérito e que sem ver o que eu escrevia, acreditava na minha escrita, mas um pai que via o que eu escrevia, e dizia que eu só escrevia era merda! Um tio que dizia que eu tinha tudo para ir onde eu quisesse ir, que tinha o mundo nas minhas mãos e um pai que dizia que as minhas fantasias não me iam levar a lado nenhum e que se eu quisesse “vencer na vida”, fosse lá o que isso significasse para ele, eu tinha era de ler os livros de merda que ele me dava para ler. E foi a Giralda que rompeu a amizade do meu pai e do meu tio. Vi a minha família a separar-se em tribunal. Vi o que o Direito faz às famílias. Vi a

minha família feita estúpida a contar toda a sua história à sociedade de informação tecnológica. E o tribunal viu como era intriguista e mesquinha a Giralda. Como era estúpida, a Giralda! Porque ela era uma estúpida! Como o meu pai era um estúpido! Um estúpido! Sabe quantas vezes é que o meu pai me chamou estúpido, Thomas? Centenas de vezes, com os olhos bem abertos à frente da minha cara. Era assim o truque dele para me manipular, para me meter medo: abria os olhos. Eu também sei abrir bem os olhos. Até abria mais do que ele abria. E sabe quantas vezes é que eu lhe chamei estúpido? Chamei-lhe agora! Não estive bem, Thomas?

— Esteve sim, tio!

— Sempre fui muito resiliente. Sempre tive muita resiliência para a estupidez, para o racismo, para a competição e para o canibalismo deles. O meu pai e a Giralda eram uns autênticos canibais. Eram polvos solitários sempre no seu calculismo, na sua matemática, na matemática que só eles é que veem. A Giralda era uma intriguista. Fazia intrigas por tudo e por nada. Vivía e alimentava-se das intrigas. Parecia uma cobra. Rastejava como uma cobra. Era esse o espírito dela, (...) Eu só desejei que ela batesse com o cú no chão (...) depois daquilo que ela me fez a mim e ao Jakob. E desejei isto aos gritos para cima do Jakob! Na minha intimidade com o Jakob! Se o espírito da Giralda ouviu, paciência! Pois, ninguém lhe mandou colocar microfones e gravadores na casa que ele me “deu” a mim e ao Jakob para vivermos durante 11 anos, até os seus netos atingirem a maioridade. Depois do casamento do filho dela, em que eu fiquei podre de bêbedo, passados uns 4 ou 5 ou 6 anos, já nem sei, sem qualquer tipo de contacto depois desse casamento, a tia Giralda telefona-me a perguntar se eu queria ir viver para casa dela, porque a casa dela era muito grande, tinha escadas e com o problema de coluna dela e com o AVC do tio Luís “não lhe dava jeito” continuar a viver naquela casa. É claro que eu, felicíssimo ao telefone, aceitei logo. Conte-lhe que tinha um namorado e perguntei se

ele poderia ir viver comigo e ela disse logo que sim. Eu e o Jakob fomos lá almoçar à casa com os meus tios e a minha tia disse que tinha um empreiteiro que estava disposto a pagar 1500 (...) 1500 (...) era mais do que o primeiro ordenado de um médico português na altura, (...)... Mas a Giralda dizia que “não lhe dava jeito”, porque o empreiteiro queria a casa sem mobília e não lhe apetecia contratar uma empresa para pôr a mobília toda numa garagem e pagar por exemplo 50 (...), quando ela tinha netos e quando 1500 euros vezes não sei quantos meses, não sei quantos anos, dariam um bom dinheiro para os netos... Mas é claro que eu engoli a peta da Giralda... Eu estava radiante na casa nova. Disse, depois, também, que não queria vender aquela casa, porque “racista” como ela era, disse que os “chineses” iam comprar tudo e ela não queria que os “chineses” comprassem tudo e depois os netos dela ficassem sem um lugar para viver... Aquele preconceito xenófobo dela, valeu-me a mim e ao Jakob uma gargalhada que fizemos piada daquilo. Para nós, ainda bem que a Giralda tinha “medo” dos chineses, porque senão fosse o “medo” da Giralda nós não tínhamos ganho aquela casa. Então, o que tinha ficado acordado no almoço é que nós íamos só pagar água, luz e o imposto da casa no final do ano que nem chegava a 100 (...) Bom, ficámos com a casa. A Giralda disse para arrastarmos as mobílias que nós quiséssemos, mexêssemos no que quiséssemos, puséssemos a casa ao nosso gosto, que puséssemos a nossa alma na casa, afinal íamos viver lá durante 11 anos e que aquilo que nós víssemos que fosse para deitar fora, que fosse velho, papeladas e tal, podíamos deitar fora; e aquilo que achássemos que ela pudesse querer, para fazermos sacos, que ela, depois, iria ver se queria, ou não. Mudámos as mobílias todas. O andar de cima estava cheio de tralha, não se conseguia andar nele, era impossível de se andar com a tralha toda e fizemos dele uma 4ª sala de estar e um escritório. Havia duas máquinas de escrever. Uma tirei para fora, para decorar o escritório; a outra ficou guardada, sem ficar à vista, porque era mais feia. Havia um pequeno arquivador de metal com 3 gavetas e que tinha uma chave. Vi que era ali mesmo onde ia guardar toda a minha escrita antes de

entregar à Jupiter Editions. Tirei tudo o que estava lá dentro, estava cheio de papelada velha, fotografias e relógios de pulso. Pus os relógios e as fotografias e as molduras numa mala e para o resto fiz um saco e fui deitar ao lixo. O Jakob, no dia a seguir, foi se embora e a minha tia entrou em casa e ficou “fascinada” com o que eu tinha feito à casa, rodopiava pela casa toda, parecia que tinha descoberto o pequeno palacete que ela, afinal, tinha. Perguntou-me o que é que eu tinha feito às coisas que estavam no arquivador e eu disse que tinha posto na mala “tigresse”. Ela levou a mala para a nova casa dela, um apartamento que tinha acabado de comprar e telefonou-me a dizer que faltavam joias. O meu coração parou. Telefonei logo ao Jakob em pânico a dizer que tínhamos um problema, porque a minha tia tinha acabado de telefonar a dizer que faltavam joias. Fui ao lixo, era fim de semana, ainda lá estava o saco do lixo. Levei o saco para casa, revirei-o, não estava lá nada. Tinha feito outros sacos que já não estavam lá no lixo. E era fim-de-semana, os camiões de lixo não funcionavam. E eu sabia que as coisas que eu tinha tirado daquele arquivador, eu tinha posto no saco de lixo que eu tinha trazido para casa e já o tinha revirado e nada. A primeira sensação com que fiquei, é que me tinha sido montado um embuste. E comecei a ligar tudo. Aquilo seria bom demais. Uma tia que nunca me ligou...? Fiz o que fiz no casamento do filho dela... Espírita como ela é, talvez viu em mim a culpa naquilo tudo ou a cura naquilo tudo. Ou fez de mim um boneco de vodu, ou lá no vodismo dela, devem ter-lhe dito que para ela ultrapassar todas as doenças, dela, do marido dela, do filho dela e do neto dela, ela precisava de sacrificar o coração mais inocente e mais puro da família dela... Eu sei lá, “esta gente” acreditava neste tipo de coisas... Ou isto, ou sabiam que a minha avó tinha deixado ao “neto querido dela” alguma quantia, que não queriam que eu herdasse. Quando estamos metidos num embuste, é legítimo pensarmos tudo! Ou então, simplesmente ela e o meu pai queriam fazer acreditar que tinha sido o Jakob que tinha tirado as joias, porque era isto que repetiam vezes sem conta. Ou que tínhamos sido os dois e que, portanto, eu estava metido com ele, ou então que eu era um

burro e um ingénuo e que tinha sido ele. Eu não sei se queriam replicar uma cena qualquer que se tinha passado no passado com eles e eles achavam que eu também tinha de passar para ter mais dissabor pela vida. Já nem sabia o que pensar. Fiquei com pontos de interrogação na cabeça, porque abri a hipótese de talvez ter jogado as joias fora, sem querer, para outro saco de lixo que não me lembrasse e que as joias me pudessem ter passado pelas mãos sem eu as ver, isto porque a tia Giralda jurava que as joias estavam lá e que as tinha visto no dia anterior de ela me entregar a casa e dizia que estavam dentro de um envelope e no meio de toda aquela papelada, enfim... Até poderia ser verdade. Uma verdade que os meus professores de Direito Penal mataram logo, porque disseram que não fazia sentido nenhum uma pessoa saber que vai entregar uma casa a uma pessoa, ir lá ver as joias e não as guardar, ainda por cima, se estavam dentro de um envelope, que era só levar consigo o envelope... Disseram que essa verdade não existia no mundo real do Direito. E lembraram-me para que eu não me preocupasse absolutamente com nada, porque eu nem de furto poderia ser acusado, porque mesmo que eu sem querer, por negligência, tivesse deitado as joias fora, eu não tinha praticado o crime de furto, porque o crime de furto só existia na forma dolosa, não estava previsto para a forma negligente, pelo que pela minha eventual negligência eu não teria de responder por nada. Mas ela era minha tia, havia emoções e sentimentos meus por ela; não quis acreditar que fosse um embuste, até pensei que ela pudesse nem sequer ter visto no dia anterior que as joias estavam lá, mas ter-me dito isso sem maldade, porque achava mesmo que as joias estavam lá e ter dito, que estavam lá, para dar mais acento “à sua certeza”... Pensei que ela pudesse não se ter lembrado onde as tinha posto, enfim, que por mais impossível que eu achasse, que eu pudesse sem querer ter deitado fora com as arrumações e pedi-lhe desculpa, sempre a título da minha eventual negligência, se por acaso eu, sem querer, as tivesse deitado fora. E assim, pedi desculpa pelos prejuízos causados, prontamente dito que lhe pagaria o valor. E o valor que acordámos foi de 5 mil euros. O Jakob passou-se! Mas eu queria

muito ficar naquela casa. E a minha tia disse para passarmos uma borracha no assunto e assim que tivéssemos os nossos primeiros dinheiros que iríamos começar a pagar às prestações. E assim ficou. Vi aquilo como uma espécie de renda, vá... Estava numa casa boa com o meu namorado por 11 anos... E depois de toda esta história, fomos então, assinar o contrato de comodato. Mas afinal, depois deste contrato, borracha nenhuma tinha sido passada... Porque tinha que levar com a estúpida lá em casa a dizer que eu tinha posto um “pica-galinhas” lá em casa e que nós teríamos de pagar. Depois faltavam as alianças de casados. Depois faltava uma máquina de escrever, que ela dizia que eram 3, quando sempre foram duas. Depois faltava um computador portátil que nunca esteve lá em casa. Depois faltava um disco rígido que também nunca esteve lá em casa. Foi um rol de coisas que foi aparecendo magicamente. Começou um verdadeiro filme de terror que eu fui escrevendo em tempo real. Entreguei à Jupiter Editions toda essa maravilhosa escrita monitorizada em tempo real que fiz em casa da Giralda. Aquele era o filme que ela queria e eu senti-me simplesmente um realizador do filme dela. Ela precisava de um palco. Eu vi o talento que havia nela. E (...) dei-lhe o palco. (...)

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603